

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS-ICHS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

SAMUEL ELIDIO DE OLIVEIRA MASCHIO

**O CONCEITO DE ALMA EM AGOSTINHO**

Cuiabá-MT

2011

SAMUEL ELIDIO DE OLIVEIRA MASCHIO

**O CONCEITO DE ALMA EM AGOSTINHO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Questões Filosóficas e Ensino de Filosofia do Departamento de Filosofia do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Angelo Zanoni Ramos

Cuiabá-MT

2011

Maschio, Samuel Elidio de Oliveira

O conceito de alma em Agostinho.  
30 páginas.

Monografia (Especialização) - Universidade Federal de  
Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais,  
Departamento de Filosofia, 2011.

Orientador: Prof. Dr. Angelo Zanoni Ramos

1. Filosofia cristã. 2. Alma. 3. Agostinho. I. Título.

SAMUEL ELIDIO DE OLIVEIRA MASCHIO

**O CONCEITO DE ALMA EM AGOSTINHO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Questões Filosóficas e Ensino de Filosofia do Departamento de Filosofia do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Filosofia.

Aprovada em 20 de Agosto de 2011.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Angelo Zanoni Ramos  
Universidade Federal de Mato Grosso

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Cristina Theobaldo  
Universidade Federal de Mato Grosso

Dedico este trabalho a todos os filósofos e teólogos que direta ou indiretamente estão envolvidos com a fé cristã.

## AGRADECIMENTOS

A DEUS Pai, Filho e Espírito Santo, por ser digno de amor acima de todas as coisas, Criador dos céus e da terra, Salvador da minha vida, pois suas palavras são verdades em mim. Disse Jesus: “[...] sem mim, nada podeis fazer”. (João 15:5).

Aos meus pais, que tanto se esforçaram por mim, pelo amor e condições geradas: minha mãe, pelo cuidado, carinho e presteza e meu pai, pela força, ensinamentos e contribuição.

A todos os meus familiares, pelos incentivos dados ao estudo, especialmente minha avó, baiana de garra e virtude.

À minha namorada Rafaella pela compreensão do tempo que precisei dedicar ao estudo, pelo companheirismo e amor, sendo uma verdadeira auxiliadora; e sua família pelo apoio e pronta disposição.

Aos meus amigos da Filosofia, colegas de curso e de universidade, pelos debates, coleguismos e troca de conhecimentos, em especial ao amigo Sávio Laet de Barros Campos, pela amizade, gentilezas e auxílios.

À minha segunda, se não primeira casa, UFMT, pelo curso, pela maestria de me acolher com seu emocionante zoológico, importante Restaurante Universitário (RU) e vislumbrante paisagem de arborização, pela qual sempre me sinto muito feliz em contemplá-la.

Aos professores de Filosofia, pela contribuição na formação do meu pensamento filosófico, em destaque os professores Roberto de Barros Freire, por socializar o conhecimento; e a Coordenadora Maria Cristina Theobaldo, pelo cuidado e incentivo ao curso que foi de extrema importância.

À Secretaria do curso na pessoa da prestativa, gentil e competente Geisa, pelo atendimento, auxílio e compreensão.

Ao professor Fernando Tadeu de Miranda Borges (da Faculdade de Economia), por acreditar em mim e me incentivar a fazer o curso na Filosofia.

Em especial, ao meu professor e orientador Angelo Zanoni Ramos, pela orientação e pelo compromisso em me ajudar, fundamental para esse trabalho.

*"Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco." (I Tessalonicenses 5:18)*

**SE TU, MINH'ALMA<sup>1</sup>**

*Se tu, minh'alma a Deus suplicas,  
E não recebes, confiando ficas  
Em suas promessas que são mui ricas,  
E infalíveis pra te valer.*

*Por que te abates, ó minha alma?  
E te comoves, perdendo a calma?  
Não tenhas medo, em Deus espera  
Porque bem cedo, Jesus virá.*

*Ele intercede por Ti, minh'alma;  
Espera n'Ele com fé e calma,  
Jesus de todos teus males salva,  
E te abençoa dos altos céus.*

*Terás, em breve, as dores findas,  
No dia alegre da sua vinda.  
Se Cristo tarda, espera ainda,  
Mais um pouquinho, e O verás.*

---

<sup>1</sup> Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil. *Se tu minh'alma*. Hino 351. 34. ed. Arapongas-PR: Aleluia, 2001, p. 275.

## RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre o conceito de alma em Agostinho. Procura-se demonstrar que as questões relacionadas à alma são moldadas por um pensamento que envolve a psicologia agostiniana em coerência com a sua teologia e filosofia cristã. A idéia de alma em Agostinho está disseminada em várias de suas obras escritas ao longo da vida. No entanto, uma noção mais abrangente de questões relacionadas à alma pode ser encontrada na sua obra *De Quantitate Animae*. Todavia, antes de elucidar a alma segundo Agostinho, dedica-se um capítulo sobre a área filosófica que estuda o autor em questão, isto é, a filosofia cristã. Em seguida, discorre-se um panorama sobre o conceito de homem (antropologia filosófica) na História da Filosofia e segundo o bispo de Hipona, santo Agostinho (antropologia teológica). Logo após, é realizada uma síntese biográfica de Agostinho abordando vida, obra e pensamento do escritor. Como núcleo de desenvolvimento do trabalho apresenta-se o conceito de alma em Agostinho conforme a sua origem, natureza e grandeza. Deste modo, o presente trabalho busca contribuir sobre o pensamento agostiniano, revelando como a filosofia e a teologia de Agostinho estavam estritamente ligadas a sua psicologia, considerando suas crenças e desafios da vida religiosa, por sinal, cristã. Seus pensamentos, dúvidas e afirmações sobre a alma, se tornaram um mistério para muitos teólogos e filósofos cristãos. Sua influência perdurou muitos séculos ao ponto de repercutir significativamente até os dias de hoje.

**Palavras-chave:** Filosofia cristã. Alma. Agostinho.



## ABSTRACT

This work is a study on the concept of soul in Augustine. It seeks to demonstrate that the issues are shaped by the soul a thought that involves psychology consistent with the Augustinian theology and Christian philosophy. The idea of soul in Augustine is widespread in several of his writings throughout life. However, a broader notion of the soul related issues can be found in his work *De quantitate Animae*. However, before elucidating the soul according to Augustine, dedicated a chapter on the philosophical field that studies the author in question, that is, Christian philosophy. Then talks to an overview of the concept of man (philosophical anthropology) in the History of Philosophy and the second bishop of Hippo, St. Augustine (theological anthropology). Soon after, it made a biographical summary of Augustine approaching life, work and thought of the writer. As a core development work presents the concept of soul in Augustine as its origin, nature and magnitude. Thus, this paper seeks to contribute on the Augustinian thinking, revealing how the philosophy and theology of Augustine were strictly linked to their psychology, considering the challenges their beliefs and religious life, by the way, Christian. Your thoughts, questions and statements about the soul, became a mystery to many Christian philosophers and theologians. His influence lasted many centuries to the point of impact significantly until the present day.

**Keywords:** Christian philosophy. Soul. Augustine.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. A FILOSOFIA CRISTÃ .....</b>	<b>11</b>
<b>2. AURÉLIO AGOSTINHO .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1. Vida .....</b>	<b>12</b>
<b>2.2. Obra .....</b>	<b>14</b>
<b>2.3. Pensamento .....</b>	<b>16</b>
<b>3. ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA .....</b>	<b>18</b>
<b>3.1. O homem na História da Filosofia.....</b>	<b>18</b>
<b>3.2. O homem segundo Agostinho .....</b>	<b>19</b>
<b>4. O CONCEITO DE ALMA .....</b>	<b>20</b>
<b>4.1. Da origem da alma .....</b>	<b>21</b>
<b>4.2. Da natureza da alma .....</b>	<b>23</b>
<b>4.3. Da grandeza da alma .....</b>	<b>25</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>30</b>

## INTRODUÇÃO

Assim como Deus, a alma sempre foi um assunto de grande interesse pelos pensadores da humanidade, de materialistas a espiritualistas, todos sempre tiveram uma atração pelas questões que envolvem a antropologia. Estudar a alma é um grande desafio devido a sua enorme complexidade de entendimento e de correntes teóricas. Monista, dualista, cristão, islamista, hinduísta, não importa qual crença filosófica ou religiosa, todos se lançam a procura a verdade sobre o que é a alma, da onde vem, para onde vai. Por isso, compreender o assunto é de extrema importância.

Agostinho é considerado pelas autoridades no assunto como um dos mais importantes nomes do mundo pós-medieval para a filosofia e a teologia cristãs. Boehner e Gilson o chamam de “O Mestre do Ocidente”.<sup>2</sup> Sua influência é tão forte que percorre sete séculos (séc. IV ao XI) ou pelo menos até Tomás de Aquino. Seus escritos filosóficos - com teor dualista sobre a alma - reformaram o neoplatonismo e a própria visão eclesiástica sobre o homem. A antropologia patrística de Agostinho colocou em xeque os grandes inimigos epistemológicos da fé cristã no fim do Império Romano, a saber, o racionalismo<sup>3</sup>, o ceticismo<sup>4</sup> e o materialismo<sup>5</sup>.

Entender o que é a alma pode resultar na extinção de uma série de dúvidas sobre o homem. Mas, segundo Santos, “O problema da alma não é de importância secundária nem de fácil elucidar”.<sup>6</sup> Em Agostinho, há uma flexibilidade de termos e conceitos que variaram de acordo com o tempo e a obra do pensador. O que torna mais difícil sua compreensão, exposição e análise.

Ainda, o conceito de alma recorre a interpretações metafísicas que dificultam a busca pela verdade ontológica da alma. Em Agostinho, tudo começa com sua dúvida ou incompreensão de si mesmo - registrado em sua obra *Confissões* - perguntando primeiramente a sua alma (um solilóquio) e posteriormente a Deus (um diálogo ou monólogo), sobre quem de fato era. Todos nós, de alguma forma, queremos saber o que somos.

<sup>2</sup> BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. Trad. Raimundo Vier. 12. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009, p. 139.

<sup>3</sup> “O conceito epistemológico que ressalta a razão ou as explicações racionais”. GEISLER, Normam L.; FEINBERG, Paul D. *Introdução a filosofia: uma perspectiva cristã*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 345.

<sup>4</sup> “A crença de que se deve duvidar ou suspender o julgamento em questões filosóficas”. Idem, p. 342.

<sup>5</sup> “A crença de que a totalidade da realidade é material, que não existem entidades espirituais tais como a alma ou Deus”. Idem, p. 344.

<sup>6</sup> SANTOS, Bento Silva. *Introdução*. In: AGOSTINHO. *Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 17.

Agostinho revela mistérios que, em muitas situações, exigem certa fé para sua compreensão e, em outras o inverso, muita compreensão para se crer. Afinal, quem pode dizer de fato o que é a alma?

## 1. A FILOSOFIA CRISTÃ

Segundo Boehner e Gilson, a filosofia cristã é um conjunto de sistemas filosóficos que compreende desde os tempos apostólicos até os dias atuais.<sup>7</sup> A estrutura desse conjunto é que diferencia a filosofia cristã da própria teologia – embora, na filosofia cristã, a filosofia e a teologia cristã possuem um relacionamento muito próximo e necessário.

A filosofia predominante até o fim da Idade Antiga era a filosofia grega ou helênica. Toda filosofia tem sua estrutura de pensamento e lógica a partir da sabedoria humana. Portanto, seu objetivo e ponto de partida inicial é o próprio homem. Disse Marx, “Ser radical é atacar o problema em suas raízes. Para o homem, porém, a raiz é o próprio homem”.<sup>8</sup> Diferente da filosofia grega, a filosofia cristã parte de Deus e possui sua realização nas próprias questões filosóficas encontradas nas Escrituras.<sup>9</sup> Esse tipo de filosofia é cristã porque, segundo Boehner e Gilson foi,

[...] criada por cristãos convictos, distingue entre os domínios da ciência e da fé, demonstra suas proposições com razões naturais, não obstante vê na revelação cristã um auxílio valioso, e até certo ponto mesmo moralmente necessário para a razão.<sup>10</sup>

Mesmo não sendo uma filosofia e sim uma religião, o cristianismo<sup>11</sup> não exclui o uso da razão em detrimento da fé. A filosofia cristã possui a razão como um processo de argumentação lógica que considera a fé. Considerar a fé significa possuir limites e crenças que norteiam a razão, embora não a coloca em contrariedade com os dogmas da Igreja. A fé

<sup>7</sup> BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. Op. Cit., p. 09.

<sup>8</sup> MARX, Karl. *Introdução a crítica da filosofia do direito de Hegel*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000054.pdf>> Acesso em: 05.06.2011, p. 05.

<sup>9</sup> Termo referente à Bíblia. Lembrando que o catolicismo reconhece 73 livros e o protestantismo apenas 66 livros.

<sup>10</sup> BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. Op. Cit., p. 09.

<sup>11</sup> “O cristianismo é uma religião; empregando por vezes termos filosóficos para exprimir sua fé, os escritores sacros cediam a uma necessidade humana, mas substituíam o sentido filosófico antigo desses termos por um sentido religioso novo”. GILSON, Etienne. *A filosofia na idade média*. Disponível em: <[www.4shared.com](http://www.4shared.com)>. Acesso em: 25.07.2011, f. 15.

livra a filosofia de muitos erros, propõe objetivos ao conhecimento racional, determina a atividade cognoscitiva do filósofo cristão e determina o trabalho filosófico.<sup>12</sup>

Conforme Boehner e Gilson, os problemas da filosofia cristã geralmente podem ser classificados em três tipos: os problemas de base; aqueles para toda construção filosófica e, os concernentes a filosofia da natureza.<sup>13</sup> Ainda, grandes complexos de idéias como: o conceito de Deus, a doutrina do Logos e a doutrina da sabedoria; formam questões principais no campo de investigação da filosofia cristã.<sup>14</sup>

Da filosofia antiga, Platão foi o mais utilizado para fundamentar as bases da filosofia cristã. Na Idade Média, foi Agostinho de Hipona. Mesmo não se autodenominando um filósofo, Agostinho foi um dos teólogos que mais se preocupou com questões filosóficas na história da Igreja. Por isso, possui grandes contribuições na História da filosofia cristã que repercutem até hoje em alguns alicerces da teologia cristã. Isso porque a filosofia cristã possui uma cultura de valorização da autoridade, ou seja, os filósofos cristãos vêm sempre discutindo e quando possível aprimorando as posições teológicas e filosóficas de seus antecessores. E na pessoa de Agostinho, a filosofia cristã atinge o seu apogeu.<sup>15</sup>

## 2. AURÉLIO AGOSTINHO

### 2.1. Vida

*Aurelius Augustinus* nasceu no dia 13 de novembro de 354 d.C. em Tagaste, que fica na Numíbia, África – atualmente é a Argélia. Filho de família simples e camponesa, seu pai, Patrício era um pequeno proprietário de terras que embora pagão, se convertera ao cristianismo no fim da sua vida. Sua mãe, Mônica, era cristã e ensinou Agostinho no cristianismo desde pequeno. Após receber uma educação humanística durante dez anos em Tagaste, Agostinho muda-se para a cidade vizinha, Madaura, em 365, para continuar estudando. Em 369 retorna para sua cidade natal. Demonstrava não ser um excelente aluno e nem mesmo gostava do grego. Por isso, sua formação foi nas línguas latinas.

Com a ajuda de um amigo de seu pai que se chamava Romaniano, em 370 vai para Cartago começar a vida de universitário. Novo, com apenas 17 anos, Agostinho se envolve

---

<sup>12</sup> BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. Op. Cit., p. 10-11.

<sup>13</sup> Idem, p. 11-12.

<sup>14</sup> Idem, p. 14-19.

<sup>15</sup> Idem, p. 139.

em um relacionamento amoroso do qual nasceu, em 372, seu primeiro e único filho registrado pela história. O seu nome era Adeodato e não teve uma vida muito longa.

No ano seguinte, em 373, Agostinho inicia sua carreira de professor lecionando em Tagaste e, no ano seguinte, em Cartago – mesmo ano que santo Ambrósio se torna bispo de Milão. Depois de quase dez anos, o professor Agostinho se cansa da indisciplina dos alunos de Cartago e estimulado por expectativas melhores de vida, isto é, alunos mais educados, maior reconhecimento e melhores condições financeiras, se muda para Roma em 383, onde passa a lecionar. Em 384 vai para Milão – época em que a Bíblia estava sendo traduzida para o latim (Vulgata) por Jerônimo.

Até então, Agostinho estava vivendo uma vida longe dos princípios cristãos. Fazia tudo aquilo que seu coração desejava. Mas, em 386, Agostinho se converte ao cristianismo. Ele mesmo relata em sua obra *Confissões* que, estando no jardim de Milão enquanto meditava com seu amigo Alípio, foi tomado de grande pranto e se afastou de seu amigo para chorar com maior liberdade, porque sua alma estava aflita e suas iniquidades como que presas em seu corpo.<sup>16</sup> Diz Agostinho,

Assim [eu] falava [com Deus] e chorava, oprimido pela mais amarga dor do coração. Eis que, de súbito, ouço uma voz vinda da casa próxima. Não sei se era de menino, se de menina. Cantava e repetia freqüentes vezes: "*Toma e lê; toma e lê*". Imediatamente mudando de semblante, comecei com a máxima atenção a considerar se as crianças tinham ou não o costume de trautear essa canção em algum dos jogos. Vendo que em parte nenhuma a tinha ouvido, reprimi o ímpeto das lágrimas, e levantei-me, persuadindo-me de que Deus só me mandava uma coisa: abrir o códice, e ler o primeiro capítulo que encontrasse.<sup>17</sup>

E tomando os escritos paulinos abriu e leu o seguinte texto bíblico: "*Não caminheis em glotonarias e embriaguez, nem em desonestidades e dissoluções, nem em contendas e rixas; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne com seus apetites*".<sup>18</sup> Entendeu que era o próprio Deus falando consigo e juntamente com seu amigo Alípio correu para contar a sua mãe que ficou muito feliz, pois entendera que seu filho havia se convertido.

No ano seguinte, 387, Agostinho, Adeodato e seu amigo Alípio são batizados na páscoa pelo bispo Ambrósio de Milão. Neste mesmo ano morre Mônica, sua mãe; então Agostinho resolve retornar a Tagaste depois de passar algumas semanas em Roma.

<sup>16</sup> AGOSTINHO. *Confissões*. Disponível em: <www.4shared.com>. Acesso em: 25.07.2011, p. 78.

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> Romanos 13:13.

Em 389, morre Adeodato, seu filho. Sem pai, mãe, esposa e filho, Agostinho procura se dedicar mais as questões da igreja e acaba se tornando presbítero em Hipona. Essa dedicação o leva mais tarde ao episcopado, onde se tornou bispo auxiliar da igreja em 391. Com um monastério e seu mais novo cargo eclesiástico, Agostinho é tomado pelo tempo em seus afazeres pois,

O contato com o povo fazia-se de múltiplas maneiras. Em primeiro lugar, nos ofícios propriamente religiosos de celebração da liturgia, administração dos sacramentos e pregação nos domingos e festas de guarda, quando não todos os dias. O ministério da palavra produziu um número enorme de sermões, quinhentos dos quais foram recolhidos pelos etnógrafos e chegaram até os dias de hoje. Além disso, Agostinho dirigia a instrução catequética dos futuros batizando e dedicava-se à direção espiritual e a obras de caridade. Aos poucos, essas responsabilidades alargaram-se ainda mais: defendia os pobres, intervinha junto aos poderosos e magistrados em favor dos condenados ou oprimidos, procurava fazer respeitar o direito de asilo. Se tudo isso não bastasse, era ainda obrigado a administrar o patrimônio da igreja e exercer as funções seculares de verdadeiro juiz, pois desde Constantino (288? - 337) o império tinha reconhecido a competência da autoridade episcopal nos processos civis.<sup>19</sup>

Após a morte do bispo Valério, Agostinho se torna o bispo oficial da igreja de Hipona. Devido a sua ortodoxia recebeu o título de Doutor da Igreja Latina. Viveu em um tempo áureo para a expansão da igreja cristã. Constantino havia tornado o cristianismo a religião oficial do Império Romano Ocidental em 313 e depois do Oriental em 374. Estudou latim, grego, gramática, retórica; foi professor, monge, bispo, escritor e teólogo. Após ter ficado doente, Agostinho morre em 28 de agosto de 430, durante a tomada da cidade episcopal pelos vândalos.

## 2.2. Obra

Agostinho escreveu diversas obras que podem ser classificadas em textos filosóficos, teológicos, exegéticos, autobiográficos, éticos, apologéticos, etc.. Em vista do trabalho, descreveremos as principais obras do ponto de vista filosófico, que são quatorze, segundo Boehner e Gilson.<sup>20</sup>

*Contra Academicos* (Contra os Acadêmicos), em três livros, escritos em 386. Discute a doutrina dos acadêmicos (refutação ao ceticismo) e a felicidade em busca da verdade.

<sup>19</sup> AGOSTINHO, Santo. *Confissões, O Mestre*. Coleção os pensadores. Disponível em: <www.4shared.com>. Acesso em: 25.07.2011, p. 13.

<sup>20</sup> BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. Op. Cit., p. 140-141.

*De beata vita* (Sobre a Vida Feliz), em um livro, escrito em 386 enquanto Agostinho escrevia a obra *Contra os Acadêmicos*. Trata de se alcançar a felicidade, que é Deus, através da humildade e do conhecimento.

*De ordine* (Sobre a Ordem), em dois livros, escritos em 386. É um diálogo que conta com a participação de sua mãe Mônica. O nome propõe o assunto da obra, a ordem das coisas realizada pela razão divina e o problema da origem do mal.

*Soliloquia* (Solilóquios), em dois livros, escritos em 386 como sendo um tipo diferente de monólogo. Agostinho interroga a si mesmo sobre assuntos que dizem respeito a Deus e a sua alma.

*De immortalitate animae* (Sobre a Imortalidade da alma), em apenas um livro, escrito em Milão, em 387, após a morte de sua mãe.

*De Quantitate Animae* (Sobre a Quantidade ou a Grandeza da alma), em um livro, foi escrito em Roma entre outubro de 387 a julho de 388. Conforme Santos, “A obra examina múltiplas questões relativas à alma, especialmente a sua espiritualidade e o processo ascensional da alma para Deus”.<sup>21</sup> Possui dois interlocutores: o próprio Agostinho e seu amigo Evódio.

*De Magistro* (Sobre o Mestre), em um livro, escrito em 389. É um diálogo entre pai e filho (Agostinho e Adeodato) com muitos ensinamentos sobre a linguagem e sobre Cristo. No final Agostinho diz que o nosso maior mestre é Deus.

*De libero arbitrio* (Sobre o Livre-Arbítrio), em três livros, começado em 388 e terminado em 395. Fala sobre a liberdade do homem que foi dada por Deus, mesmo sabendo que possa optar pelo mal. Também fala sobre a existência e a presciência de Deus.

*De vera religione* (Sobre a Verdadeira Religião), escrita incerta, provavelmente entre 388 e 390. Texto apologético contra o maniqueísmo e em defesa do cristianismo como religião verdadeira.

*De musica* (Sobre a Música), em seis livros, escritos em 391. Um tratado de musicalidade que versa sobre o ritmo, os números e como os mesmos nos conduz ao eterno.

*Confessiones* (Confissões), em 13 livros, escritos em 399. Uma autobiografia, a obra mais conhecida de Agostinho. Um retrato sobre a vida do autor antes e pós sua conversão ao cristianismo. Também fala sobre a criação, Deus, o tempo, a alma e outros assuntos de cunho psicológico e teológico.

---

<sup>21</sup> SANTOS, Bento Silva. *Introdução*. In: AGOSTINHO. *Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre*. Op. Cit, p. 12.



*De Trinitate* (Sobre a Trindade), em 15 livros, escritos em 399 a 419. Versa sobre a polêmica e incompreensível questão religiosa da unicidade de Deus enquanto ser triuno, com base nas Escrituras Sagradas.

*De civitate Dei* (Sobre a Cidade de Deus), em 22 livros, escritos de 413 a 426. Envolve uma apologia ao cristianismo e fala sobre teologia da história. Nesta obra Agostinho revela dois mundos, duas cidades: a dos homens e a de Deus.

*Retractationes* (Retratações), em dois livros, escritos entre 426 e 427. Compendio de comentários (correções e afirmações) sobre as suas obras escritas durante a vida. Uma espécie de autocrítica. Retratações é a última obra escrita por Agostinho.

Segundo Boehner e Gilson, “Ao lado destas, há muitas outras obras importantes para a filosofia de Agostinho, em particular os escritos contra os maniqueus e os comentários escriturísticos, entre os quais se destacam as três exposições do Gênesis”.<sup>22</sup>

### 2.3. Pensamento

*Agostinho jamais pensou em divorciar a teoria da prática. Sua filosofia é uma interpretação de sua própria vida.*<sup>23</sup>

Agostinho recebeu, enquanto criança, uma educação humanística e cristã dada pela escola e sua mãe Mônica, cristã fervorosa. Ao estudar em Madaura, longe de seu berço, o adolescente Agostinho começa a descobrir um mundo diferente, fora do cristianismo. Passa a ter contato com outras religiões (como o paganismo). Em sua juventude não é mais curioso nem mesmo influenciado pela literatura das Sagradas Escrituras, tão apreciada por sua mãe. Vivendo em Cartago para os estudos superiores, Agostinho se desperta para os assuntos filosóficos depois de ler a obra *Hortensius* (atualmente perdida), um clássico de Cícero (106-43 a.C.) que faz um elogio a filosofia. Com isso, passa a procurar a verdadeira sabedoria sobre Deus, Cristo e todas as demais questões relacionadas às Escrituras e sua religião, o catolicismo. Com a dificuldade de coerência entre o pensamento ciceroniano e o cristão, Agostinho fica perdido em seu pensamento como alguém sem direção. Em Cartago, havia um forte movimento filosófico-religioso chamado maniqueísmo. Agostinho então,

Aderiu, pois, ao racionalismo gentio-cristão dos maniqueus, que menosprezavam os simples fiéis e prometiam aos seus adeptos uma saber de

<sup>22</sup> BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. Op. Cit., p. 141.

<sup>23</sup> Idem, p. 151.

ordem superior, bem como a prova cabal da verdade: “et dicebant, ‘veritas et veritas’, et multum dicebant eam mihi”.<sup>24</sup>

Essa palavra “verdade” foi suficiente para seduzir Agostinho.<sup>25</sup> O maniqueísmo era uma seita de pensamento ontológico materialista. Por isso, “Segundo a doutrina de Manés, Deus é luz, vale dizer: um ente corpóreo. As almas humanas são meras partículas desta luz divina, desterradas para os corpos visíveis”.<sup>26</sup>

Após nove anos seguindo como ouvinte a seita, Agostinho tem um encontro com o líder dos maniqueus chamado Fausto. Decepcionado com o encontro – por verificar que a sabedoria de Fausto parecia inferior a dele – resolve abandonar o maniqueísmo.

No entanto, as influências no pensamento filosófico de Agostinho não pararam por aí. Em 384, se muda para Milão a fim de lecionar. Sem “respostas” as suas questões filosófico-religiosas, Agostinho vira eclético e começa a exercer um pensamento com base no ceticismo. Sua vivência filosófica o faz desacreditar de tudo que o cristianismo o havia ensinado. Passa a viver de forma liberal em relação ao seu ponto de vista religioso e moral<sup>27</sup>. Mas, ao possuir contato com o neoplatonismo<sup>28</sup> e os sermões do bispo de Milão, santo Ambrósio, Agostinho começa a renunciar as filosofias que norteavam o seu pensamento e o afastava de suas bases cristãs. Agostinho renuncia o racionalismo, materialismo e o ceticismo.

Assim, em 386, Agostinho se converte ao cristianismo e passa a construir suas primeiras reflexões filosóficas sobre a teologia cristã – mais precisamente com relação à teologia paulina e a cristologia. Todo o seu pensamento a partir de então, será governado pela sua fé no cristianismo.

---

<sup>24</sup> Idem, p. 143.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> Idem, p. 143-144.

<sup>27</sup> Agostinho se entrega aos vícios e aos prazeres da carne sem restrições religiosas.

<sup>28</sup> “O neoplatonismo viria a ser a ponte que permitiria a Agostinho dar o grande passo de sua vida, pois constituía, para os católicos milaneses, a filosofia por excelência, a melhor formulação da verdade racionalmente estabelecida. O neoplatonismo era visto como uma doutrina que, com ligeiros retoques, parecia capaz de auxiliar a fé cristã a tomar consciência da própria estrutura interna e defender-se com argumentos racionais, elaborando-se como teologia”. AGOSTINHO, Santo. *Confissões, O Mestre*. Op. Cit., p. 10.

### 3. ANTROPOLOGIA FILÓSOFICA<sup>29</sup>

***Homem filósofico***  
***(Samuel Maschio)***

*O que é o homem se não o que o homem pensa do homem?*  
*O homem,*  
*pensa que o homem pensa.*  
*E pensando o homem*  
*sobre o fato de que o homem pensa,*  
*se descobriu que o homem*  
*sobre o pensamento pensa.*  
*O pensamento do homem pensou que o homem era só pensamento.*

#### 3.1. O homem na História da Filosofia

Marilena Chauí, em seu livro *Convite a Filosofia*, nos conta a história de um homem de Atenas chamado Sócrates que foi visitar um oráculo - devido sua fama de ser um grande sábio - que ficava no santuário do Deus Apolo. Na entrada do santuário estava escrita a seguinte frase: “*Conhece-te a ti mesmo*”. Quando Sócrates entrou o oráculo lhe perguntou: “O que você sabe?”. Então ele respondeu: “Só sei que nada sei”. Assim, o oráculo disse que “Sócrates é o mais sábio de todos os homens, pois é o único que sabe que não sabe”.<sup>30</sup>

O processo de “conhecer o que é o homem” nasce de uma reflexão sobre o fato de se autodescobrir, pensar sobre si mesmo para construir o conhecimento do “quem eu sou”, partindo do princípio de que “nada sei”, pelo menos ainda.

“O que é o homem?” é uma indagação que atravessou toda a história da humanidade incomodando pensadores de diversas áreas do conhecimento. Mas, definir o homem não é de fácil explicação e/ou entendimento. O assunto é delicado e exige um vasto campo de pesquisa que permeie a História, Sociologia, Filosofia, Psicologia e Antropologia.

Entretanto, muitas foram às idéias e definições elaboradas por diversos pensadores sobre o que seria o homem. Para Protágoras o homem era a medida de todas as coisas. Em Platão, o homem era um ser com corpo e alma, podendo ser considerado como um animal bípede sem plumas. Já no que diz respeito a Sócrates, o homem é alguém que possui virtude e essa virtude é a vontade de se autoconhecer. Uma abordagem interessante também é a

---

<sup>29</sup> Na História da Filosofia, a área de estudo que compreende esse assunto é a Antropologia Filosófica, que tanto é apresentada como uma disciplina, quanto um movimento epistemológico. A palavra antropologia é a junção de duas palavras gregas: “*anthropos*”, que significa “ser humano”, homem ou mulher; e “*logos*”= “palavra”. Assim, a Antropologia Filosófica enquanto disciplina estuda a essência do ser humano. O desejo de saber sobre a essência humana é mais antiga que a própria sistematização dos estudos dessa linha de conhecimento e a busca pelo saber sobre a essência e a origem das coisas acontecem desde os pré-socráticos.

<sup>30</sup> CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2006, p. 09.

definição de Aristóteles que diz o seguinte: “O homem é por natureza um ser político”. Isso implica subentender que o homem é um ser racional e social.

Na Idade Média, o pensamento teológico da filosofia escolástica também teve forte influência sobre a Antropologia Filosófica. A idéia de pensadores como o próprio Agostinho e Tomás de Aquino definiam o homem como a imagem e semelhança de Deus - referente ao versículo bíblico de Gênesis 1:26, “*E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança [...]*”.

O conceito de homem na Modernidade recebeu uma roupagem empirista e mecanicista. Na obra *Tratado do Homem* de René Descartes, o autor apresenta o homem como sendo uma máquina pensante.

Para a contemporaneidade, quando Auguste Rodin produz sua obra de arte *O Pensador* de 1880, demonstra que o homem “[...] é de modo peculiar um animal reflexivo e autoconsciente, e que isso é algo fundamental à condição humana”.<sup>31</sup> Em Marx, o homem é um ser subjetivo, consciente, emocional, objetivo, sensível, real, natural, vivo, genérico, político, religioso, cultural, social, histórico, ativo, etc.. Ou seja, sua essência é um processo em autoconstrução por meio de suas ações e atividades que faz do homem um ser histórico-social.

### **3.2. O homem segundo Agostinho**

*Quid est homo?* (O que é o homem?). Para santo Agostinho, o homem é um ser composto de corpo e alma.<sup>32</sup> Com essa afirmação, Agostinho é passivo de ser classificado como um dualista. Ele antecipa René Descartes em pelo menos doze séculos. Afirmar que o homem é um ser composto já era uma tarefa difícil, pois existem correntes filosóficas que pensam num homem com uma única realidade, isto é, um ser simples<sup>33</sup>. Mas o simples é indivisível e o homem também é corpo e o corpo pode ser dividido em infinitas partes.

Mais difícil que a discussão entre dualismo e monismo é o fato de que Agostinho afirma ser o homem um ser dotado de duas realidades totalmente opostas. O corpo faz parte de uma realidade material, portanto, é divisível, visível, não privado, destrutível, responsável por ações, movimentos e calor. Entretanto, a alma vem de uma realidade espiritual, ou seja, possui propriedades opostas a do corpo. É indivisível porque é simples; invisível porque não pode ser captada pelos sentidos humanos tradicionais; privada, pois seu acesso é particular à

<sup>31</sup> MAGEE, Bryan. *História da filosofia*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 7.

<sup>32</sup> AGOSTINHO. *Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre*. Op. Cit., p. 260.

<sup>33</sup> Teoria dos monistas.

própria pessoa, como seus pensamentos, indestrutível porque é imortal, e responsável pelas nossas atitudes, pois é ela quem governa o corpo.

O problema da alma é de grande complexidade e sua dificuldade de entendimento aumenta ainda mais quando se trata da sua relação com o corpo. Nem mesmo na atualidade os filósofos da mente e a neurociência são capazes de explicar como funciona realmente a relação mente-corpo.

Para o nosso doutor de Hipona, a alma é superior ao corpo, porém o corpo e a alma são unidos formando apenas um ser, o ser humano. Um corpo sem alma ou uma alma sem corpo nunca será um homem. Conforme Boehner e Gilson,

O homem é uma unidade substancial de corpo e alma. Não é infreqüente afirmar-se que para Agostinho a essência do homem é uma alma que se utiliza de um corpo; todavia, é fora de dúvida que ele doutrina, clara e reiteradamente, que o homem se compõe de alma e corpo, graças a uma estreita união destes dois componentes, e que só o ser assim composto merece o nome de homem.<sup>34</sup>

A alma é de extrema importância ao corpo. É ela, segundo Agostinho que anima, dá vida ao corpo. Mas o que seria essa vivificação? Dois aspectos são importantes. Em primeiro lugar, a alma cumpre a sua obrigação de dar vida ao corpo, isto é, governar suas ações, atitudes e movimentos. Em segundo, a alma cumpre a função de ligar o ser humano que é terreno as idéias do ser divino e supremo, Deus. Segundo Boehner e Gilson,

O fundamento metafísico da união entre alma e corpo está na função mediadora da alma entre as idéias divinas e o corpo. A alma é o elo de união entre as idéias divinas e o corpo vivificado por ela. Graças à sua natureza espiritual ela se abre para aquelas idéias espirituais.<sup>35</sup>

Assim, podemos concluir que Agostinho não define o homem segundo uma antropologia filosófica e sim sob a perspectiva de uma antropologia teológica.

#### 4. O CONCEITO DE ALMA

Os assuntos decorrentes neste capítulo envolvem o conceito de alma em santo Agostinho. Pelo termo “conceito” assumiremos uma postura da filosofia escolástica, ou seja,

<sup>34</sup> BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. Op. Cit., p. 180.

<sup>35</sup> Idem, p. 183.

“conceito” aqui se refere à “noção” que Agostinho tem sobre a alma. Isso porque em Agostinho é de extrema dificuldade a extração de uma definição permanente de alma.

Etimologicamente a palavra “alma” em Agostinho possui conceitos que elucidam a noção de alma. A palavra *anima* descreve a idéia de vida dos corpos. O termo empregado para a alma humana é *animus*, que carrega em si o sentido de substancia racional. Essa racionalidade do *animus* é conduzida pela sua parte superior, isto é, o *spiritus*. O *spiritus* pode conotar dois sentidos: a) imaginação reprodutiva ou memória sensível [na significação porfiriana] ou; b) parte racional da alma [segundo as Escrituras]. Na parte superior do *spiritus* está a *mens* [pensamento] que é composto pela *ratio* [razão] e a *intelligentia* [inteligência], também associada ao *intellectus* [intelecto – uma faculdade da alma]. Ainda, existem dois tipos de razão: a razão superior [conduz a alma a contemplação das idéias divinas e a adoração a Deus] e a razão inferior [conduz a alma as coisas terrenas].<sup>36</sup>

Assim, seremos conduzidos a uma viagem pelo pensamento agostiniano sobre questões como: O que é a alma, da onde vem, qual o seu valor? Para tanto, lançamos mão da obra *De Quantitate Animae*, que expressa os assuntos adiante. Passemos então ao centro da exposição sobre a alma em santo Agostinho.

#### 4.1. Da origem da alma

Segundo Gilson,

No que concerne à origem da alma assim concebida, Agostinho sempre permaneceu numa grande incerteza [...] Ele está certo de que a alma foi criada por Deus do nada, como são todas as demais substâncias e que, por conseqüência, ela não é um fragmento desligado da substância divina.<sup>37</sup>

Na obra *De Quantitate Animae*, em resposta a pergunta de Evódio “de onde vem a alma”, Agostinho responde que a indagação do amigo pode ser entendida de duas formas: “de onde vem” pode significar sua pátria/origem ou sua composição/substância. Evódio diz que gostaria de saber nas duas formas. Então, Agostinho diz, com relação ao primeiro sentido, que “[...] a morada e a pátria da alma é Deus, por quem ela foi criada”.<sup>38</sup>

A resposta de que Deus é o criador, pátria, morada, enfim, a origem de todas as almas humanas é aceita muito facilmente por Evódio, talvez porque essa idéia – de que não só a alma, mas todas as demais coisas foram criadas por Deus – seja um axioma teológico no

<sup>36</sup> GILSON, Etienne. *Introdução ao estudo de santo Agostinho*. Op. Cit., p. 95-96.

<sup>37</sup> Idem, p. 109.

<sup>38</sup> AGOSTINHO. *Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre*. Op. Cit., p. 260.

ponto de vista da fé cristã. Agostinho se baseia no texto sagrado de Gênesis<sup>39</sup> para sustentar sua convicção e vai além, deixando a entender que a alma só pode ter vindo de algo que seja superior a ela, isto é, da Verdade, que é Deus<sup>40</sup>. Eis então, que surge a seguinte questão: como se dá a origem da alma, quando ela surge no corpo?

Agostinho não aceitou o pensamento de Orígenes, cuja teoria era de que as almas se tornaram prisioneiras dos corpos por causa de seus pecados, podendo ocupar corpos mais ou menos grosseiros de acordo com sua culpabilidade.<sup>41</sup> Inicialmente, Agostinho acreditava em quatro possíveis respostas para esse problema. 1) Quando criou Adão (primeira alma humana), Deus também criou nela todas as demais almas posteriores; 2) Deus criou cada alma individualmente, como um artesanato; 3) Deus criou as almas em si mesmo e depois as lança nos corpos; 4) Deus criou as almas em si mesmo e elas descem aos corpos voluntariamente.<sup>42</sup>

A tendência de Agostinho foi de considerar a primeira hipótese uma vez que a mesma era mais coerente com a explicação da teoria do pecado original.<sup>43</sup> Ao passar do tempo, Agostinho começa a adquirir novos conhecimentos e mesmo percorrendo uma linha de pensamento criacionista, se encontra confuso sobre esta questão. Conforme Boehner e Gilson,

Está persuadido que a alma não procede da substância divina, visto ser uma criatura; que não evoluiu da matéria nem de uma alma animal; que nenhuma alma preexistiu ao corpo; e, enfim, que nenhuma alma é formada de uma suposta substância imaterial, produzida no começo da criação.<sup>44</sup>

Resta a Agostinho pensar em quatro possibilidades novamente: 1) a alma vem dos pais; 2) é criada por Deus no momento da união com o corpo; 3) Deus criou as almas em si mesmo e depois as lança nos corpos; 4) Deus criou as almas em si mesmo e elas descem aos corpos voluntariamente.<sup>45</sup>

Agostinho nunca chegou a uma conclusão definitiva<sup>46</sup> de como Deus cria a alma e como ela forma uma substância única com o corpo.

<sup>39</sup> Gênesis 2:7: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente”.

<sup>40</sup> AGOSTINHO. *O Livre-Arbitrio*. Disponível em: <www.4shared.com>. Acesso em: 25.07.2011, p.121.

<sup>41</sup> GILSON, Etienne. *Introdução ao estudo de santo Agostinho*. Op. Cit., p. 110.

<sup>42</sup> Idem, p. 111.

<sup>43</sup> Idem.

<sup>44</sup> BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. Op. Cit., p. 181.

<sup>45</sup> Idem.

<sup>46</sup> Defender uma teoria como sendo verdade absoluta.

## 4.2. Da natureza da alma

O que é a alma? Essa talvez seja a questão filosófica mais difícil que exista para um teólogo. Seu teor ontológico cria conflitos que mais envolvem crenças e mitos do que verdades filosóficas ou científicas. Em Agostinho não é diferente. Sua antropologia recorre à teologia cristã para discorrer sobre o que é a alma. Em *De Quantitate Animae* Agostinho diz, “[...] não me é possível dizer qual é sua substância. Com efeito, penso que ela não esteja entre as comuns e conhecidas naturezas que podemos tocar com os sentidos corporais”.<sup>47</sup>

Explica Gilson que “[...] para santo Agostinho, provar que a alma é uma substância é, antes de tudo, provar que ela é distinta do corpo”.<sup>48</sup> Agostinho explica ao amigo Evódio que a alma não é um corpo, pois em primeiro lugar, o corpo possui algum dos elementos clássicos: terra, fogo, ar e água. E a alma não é composta por nenhum destes elementos.<sup>49</sup> Ainda, todo corpo é extenso em comprimento, largura e profundidade; a alma não, pois se assim fosse, como poderia conter em sua memória imagens que são maiores do que o seu próprio corpo?<sup>50</sup>

Em segundo lugar, Agostinho não acha contraditório afirmar que a alma tem uma substância própria. Ele acredita em três realidades diferentes de substâncias, ou seja, a alma possui uma, o corpo outra e a união das duas formam uma terceira substância que é o ser humano. O mistério é entender como é possível a existência de substâncias diferentes deste modo - pois revela a aceitação de mais de uma realidade – e ainda a sua mistura (corpo e alma) na formação de uma substância homogênea (o homem). Será então que a alma possui uma substância divina? Para Gilson,

[...] se a alma fosse uma parte de Deus, ela deveria ser absolutamente imutável e incorruptível. Ora, se ela fosse assim, não poderia tornar-se pior nem melhor do que é. Permanecendo na estabilidade de sua essência, a alma estaria subtraída de toda regressão bem como de todo progresso; de nada serve imaginar que sua presente mutabilidade não lhe seja co-natural, mas resulta de algum acidente e notadamente, de sua união com o corpo. De que importa a origem do mal que ela sofre se ela dele sofre? A instabilidade de sua natureza, seja qual for sua causa, é suficiente para provar que a alma não é uma parte de Deus. Visto que a alma não é Deus, ela só pode ser uma criatura [...].<sup>51</sup>

A alma humana não goza de uma substância divina, isto é, não é como Deus. Contudo, Agostinho diz que a substância da alma parece pelo menos semelhante a Deus.<sup>52</sup> Evódio

<sup>47</sup> AGOSTINHO. *Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre*. Op. Cit., p. 260.

<sup>48</sup> GILSON, Etienne. *Introdução ao estudo de santo Agostinho*. Op. Cit., p. 99.

<sup>49</sup> AGOSTINHO. *Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre*. Op. Cit., p. 260.

<sup>50</sup> Idem, p. 266-267.

<sup>51</sup> GILSON, Etienne. *Introdução ao estudo de santo Agostinho*. Op. Cit., p. 110.

<sup>52</sup> AGOSTINHO. *Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre*. Op. Cit., p. 261.



acredita ser pouco provável esse argumento de Agostinho e colocará em foco a questão de como poder ser a alma semelhante a Deus, pois se Deus sendo imortal criou coisas imortais (como a alma) e porque a nossa alma sendo imortal<sup>53</sup> não cria coisas semelhantes a ela? O Doutor de Hipona explica essa questão de forma coerente e analógica: “Assim como a imagem de teu corpo não pode ter a mesma força de teu corpo [espelho], assim também não deve causar-te admiração se a alma não tem tanto poder quanto aquele a cuja semelhança foi criada”.<sup>54</sup> O argumento é de grande validade. Agostinho esta dizendo que não se pode confundir igualdade com semelhança. Cristo, sendo o Unigênito de Deus pode ser considerado imagem e igualdade, pois é Deus segundo a sua teologia da Trindade. Mas o homem não, ele é imagem e semelhança de Deus.<sup>55</sup> Sua estrutura tríade revela a imagem de Deus. Segundo Boehner e Gilson pode verificar essa “imagem” da Trindade no trinômio: mente, conhecimento e amor ou na tríade: memória, entendimento e vontade.<sup>56</sup> Já a “semelhança” envolve as ações e características transferidas por Deus ao homem como a capacidade de amar e o livre-arbítrio.

Porém, a afirmação de Agostinho de que a alma é algo semelhante a Deus apresenta um problema de ordem lógica. Sendo a alma uma substância desconhecida, como posso comparar duas coisas se me falta o conhecimento sobre o que é uma delas? E se a comparo com outra coisa, isso significa que a outra coisa se parece com aquilo que não conheço. Considerando ainda que a substancialidade divina também não seja conhecida pelo homem, se torna mais incoerente a afirmação de Agostinho. Logo, comparo duas coisas que não conheço dizendo que são semelhantes. Como pode ser isso?

Dessa forma, pouco ou nada sabemos pela filosofia agostiniana sobre o que é a alma em termos de substância. Todavia, segundo Gilson, “[...] se a alma elimina da opinião que tem de si mesma o que ela crê ser, para conservar o que sabe ser, permanecerá essa certeza da qual vimos que nenhum cético poderá duvidar: ela é, ela vive, ela pensa”.<sup>57</sup> A alma pode até duvidar de sua existência, mas não pode duvidar que duvida e por isso acaba sabendo que

---

<sup>53</sup> Agostinho, em sua obra *Soliloquios*, toma emprestado o argumento da verdade na obra Fédon de Platão para demonstrar que a alma não pode morrer porque carrega em si a verdade e ainda está ligada com a Verdade suprema, que é Deus. Segundo Boehner e Gilson (2009, p. 182), “Objeta-se que, se tal é o caso, basta que a alma erre para destruir-se a si mesma; para Agostinho, porém, um tal argumento é contraditório, pois a alma só pode errar sob a condição de ser viva: ‘at nisi qui vivit, fallitur nemo. Non igitur falsitas interemere animum potest’. A verdade é tão indestrutível que nem mesmo o seu oposto, o erro, é capaz de destruí-la; o mesmo vale para a alma.”

<sup>54</sup> AGOSTINHO. *Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre*. Op. Cit., p. 262.

<sup>55</sup> Gênesis 1:26: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança [...]”.

<sup>56</sup> BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. Op. Cit., p. 185.

<sup>57</sup> GILSON, Etienne. *Introdução ao estudo de santo Agostinho*. Op. Cit., p. 101.

pensa e que vive, portanto existe. Mas, saber que a alma é pensamento, ainda assim não a define.

No entanto, Agostinho arrisca uma definição e diz a Evódio, “[...] se queres que te dê uma definição da alma, e por isso perguntas o que seja a alma, não terei dificuldade em responder. Pois me parece que é substância dotada de razão, destinada a governar o corpo”.<sup>58</sup> A alma é “substância”. Mas, que substância é essa? A alma é dotada de “razão”. Ora, se a alma não possuísse essa estrutura capaz de comportar o processo intelectual, como a alma poderia pensar sobre ela mesma? Porém, a informação é de importância relevante, pois no que diz respeito à diferença do homem em relação aos animais, porque para Agostinho o que diferencia o homem é a razão que possui sua alma.<sup>59</sup> A alma é “destinada a governar o corpo”. Essa expressão revela sua atividade, um fim, uma meta, objetivo, missão. Logo, a definição de Agostinho sobre a alma se torna um tanto deficitária.

### 4.3. Da grandeza da alma

Ev. - [...] fala agora acerca da grandeza da alma.

Agost. – Em que sentido perguntas a respeito da sua grandeza? Não percebo se interrogas acerca do seu espaço na largura ou no comprimento ou na força ou a respeito de todas elas juntas, ou se queres saber seu poder. Pois costumamos perguntar acerca da grandeza de Hércules, ou seja, qual seja em pés de estatura, e também quão grande foi como homem, ou seja, seu poder e sua fortaleza.

Ev. – Desejo saber as duas coisas concernentes à alma.

Agost. – Mas não se pode dizer nem pensar da alma o que acabamos de falar. Pois de modo algum se pode supor a alma comprida ou larga ou como dotada de força; na minha opinião, tudo isso é corpóreo, e queremos investigar no tocante à alma com o mesmo procedimento [...] Por essa razão, não posso responder-te relativamente à grandeza da alma no sentido de tua pergunta; mas posso garantir-te que não é nem extensa, nem larga, nem forte, nem possui algumas dessas propriedades que se costuma encontrar nas medidas do corpo.<sup>60</sup>

A grandeza das coisas pode ser entendida em dois aspectos: em sua extensão ou em sua potencialidade. Agostinho quer esclarecer a Evódio que a alma enquanto ser imaterial e incorpóreo não pode assumir propriedades do corpo como longitude, latitude e profundidade. Portanto, a grandeza da alma só pode ser apresentada como uma grandeza potencial, ou seja, o quanto ela é em poder. Por isso não será possível falar sobre o tamanho da alma, mas sim na qualidade que ela possui.

<sup>58</sup> AGOSTINHO. *Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre*. Op. Cit., p. 284.

<sup>59</sup> AGOSTINHO. *O Livre-Arbitrio*. Op. Cit., p. 81 e 92.

<sup>60</sup> AGOSTINHO. *Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre*. Op. Cit., p. 262-263.

Agostinho e Evódio precisam retomar novamente alguns diálogos ontológicos sobre a alma para somente depois discutirem a sua grandeza. Demonstrando-se materialista, Evódio questiona como pode existir algo que não seja corpóreo. Agostinho apresenta a ele o exemplo da Justiça. Porque ela é uma virtude que não precisa de extensão. O problema é que não podemos comparar a alma com a Justiça porque a Justiça é apenas um termo aplicado a uma ação do homem, é uma idéia. Não vemos nenhuma Justiça passeando pelas ruas. Não convencido pelo argumento de Agostinho, Evódio recorre à outra colocação, diz que pensa a alma ser como o vento. Essa comparação é resultado de dois fatores: 1) por ser o vento a coisa mais real sem imagem, ou seja, invisível assim como a alma; 2) porque a palavra grega para espírito no Novo Testamento é *pneuma*, que significa ar, vento. Agostinho explica como a alma pode conter coisas maiores que seu corpo (imagens na memória) e prova que a alma não tem extensionalidade, portanto não é semelhante ao vento, pois o vento é um corpo e a alma não.

Entretanto, Agostinho é adepto da idéia de que a alma pode progredir, evoluir, crescer qualitativamente, melhorar. Evódio pergunta se essa melhoria se dá pelo crescimento do corpo ou do avanço da idade. Agostinho entende que não é esse o fator responsável pelo desenvolvimento da alma. Pois se assim fosse, à medida que o corpo decresce (idade avançada) a alma então sofreria uma regressão. Ou ainda, os mais fortes e mais altos seriam possuidores de almas melhores, o que é uma dedução incorreta.

A alma progride, mas nunca regride. Pode até não “crescer”, porém nunca diminuirá. É interessante como mesmo sendo a alma, segundo Agostinho, algo imaterial e incorpóreo, a linguagem sobre a grandeza da alma envolve termos característicos da matéria: grandeza, quantidade, crescimento, desenvolvimento, progresso etc. Isso porque não conhecemos outra realidade ontológica - mesmo que se considere existente, como a metafísica agostiniana – que não seja a matéria. A maior prova disso é a analogia que Agostinho faz entre o crescimento do corpo e o da alma, que diz existir três tipos: um natural, um supérfluo e outro prejudicial.<sup>61</sup>

---

<sup>61</sup> “[...] no corpo há três espécies de crescimento: um, que é necessário pelo qual os membros adquirem sua natural proporção; outro, que é supérfluo, pelo qual, crescendo, um membro passa a diferenciar dos outros em algo, conservando a saúde, como acontece a certas pessoas que nascem com seis dedos, e outras anomalias caracterizadas pelo maior tamanho dos membros com relação ao normal; a terceira, que é prejudicial, que, quando acontece, denomina-se inchaço. Nesta última espécie, costuma-se dizer também que os membros crescem, e de fato passam a ocupar maior espaço, mas privando a pessoa de sua saúde. Do mesmo modo, há na alma alguns como que crescimentos naturais, quando se diz que cresceu com os bons conhecimentos destinados a viver bem e com felicidade. Mas quando aprendemos coisas mais maravilhosas do que úteis, embora sejam oportunas para algumas circunstâncias, contudo, são supérfluas e devem ser enumeradas entre as da segunda espécie. Com efeito, assim como um flautista, no dizer de Varrão, de tal modo agradou o povo que o fez rei, nem por isso devemos pensar em fazer crescer nossa alma mediante essa habilidade. E nem gostaríamos de ter mais dentes que os normais, se ouvíssemos que alguém, que os tinha assim, matou o inimigo com uma mordida. Mas

Mas se existe um “crescimento da alma”, o que a faz “crescer”, ou seja, qual o seu alimento? Para Agostinho, o crescimento da alma não se dá pelo acúmulo de tempo, nem de espaço, e sim, pelo conhecimento,

[...] se a alma cresce, observa quão néscio seja acreditar que seu crescimento provém das forças do corpo e não acreditar que se originam da abundância de conhecimentos, se para as forças ela contribui com a vontade e os conhecimentos, a penas as possui. E se pensamos que a alma cresce, quando há aumento de forças, deve-se pensar que ela diminui, quando perde as forças. Perdem-se as forças na velhice, perdem-se a dedicação aos estudos; e nessas ocasiões é quando se costuma aumentar e incrementar os conhecimentos; uma coisa não pode de forma alguma aumentar e diminuir ao mesmo tempo.<sup>62</sup>

O conhecimento de que Agostinho fala não se trata de um conhecimento científico<sup>63</sup>, ou seja, simplesmente relacionado com as coisas materiais deste mundo. Agostinho acredita que a alma se desenvolve por adquirir uma sabedoria que vem de Deus.

Todavia, como se dá o desenvolvimento da alma humana? Agostinho classifica as fases, etapas ou atividades da alma em sete graus:

No *primeiro grau*, a alma é responsável pela vivificação do corpo, preservação da unidade e da espécie humana. Neste grau, as funções da alma “[...] podem ser consideradas comuns ao homem e as plantas; pois dizíamos que elas também vivem, visto que vemos e reconhecemos que cada uma na sua espécie se preserva, se alimenta, cresce e se reproduz”.<sup>64</sup>

Já no *segundo grau*, as funções da alma são caracterizadas pelos sentidos. O ser humano possui tato, olfato, paladar, audição, visão, percepção, que ligados ao corpo produzirá sensações como a fome, a apetite sexual, a dor etc. Além disso, pode-se considerar que a memória é uma grande atividade da alma que permite ao ser humano se lembrar e realizar suas ações devidas. Porém, segundo Agostinho, “[...] ninguém nega que tudo isso possa acontecer também aos animais”.<sup>65</sup>

O *terceiro grau* revela funções que diferencia o homem dos demais seres vivos. São funções exclusivamente humanas como: arte, ciência, política, religião, construções de

---

é nocivo aquele gênero de arte que prejudica a saúde da alma, pois é perícia lamentável distinguir os manjares pelo cheiro e sabor, saber dizer em que lago o peixe foi apanhado ou o ano de fabricação do vinho. E quando a alma, que da mente resvalou para os sentidos, parece ter crescido com essas artes, deve-se considerar que apenas se inchou ou mesmo se derreteu”. Idem, p. 296-297.

<sup>62</sup> Idem, p. 303-304.

<sup>63</sup> A ciência pode exercer um papel importante para se encontrar a sabedoria, desde que seja utilizada em defesa da fé.

<sup>64</sup> Idem, p. 339.

<sup>65</sup> Idem, p. 341.

idades, jogos, poesia, cálculos, etc. Só que esse tipo de atividade humana ainda não diferencia os homens entre si.

Somente a partir do *quarto grau* que é possível distinguir a humanidade entre si porque é onde começa a bondade e todo louvor verdadeiro. Nesta atuação da alma, a mesma passa a procurar mais pelas coisas eternas do que pelas passageiras (terrenas), se volta ao amor pelo próximo, a humildade e a obediência, embora, não livre de um “[...] grande conflito contra as adversidades e as seduções deste mundo”.<sup>66</sup> Inicia-se o seu processo de purificação com relação ao mundo.

Depois de a alma se libertar de toda e qualquer imperfeição e adquirir um estado de paz interior, surge o *quinto grau* que será a manutenção da alma nesse estado de imaculada, purificada. A alma começa a perceber o quanto é grande e passa a direcionar-se para Deus “[...] com confiança de certo modo imensa e incrível, ou seja, para a contemplação da verdade e para aquele altíssimo e deveras misterioso prêmio pelo qual tanto se esforçou”.<sup>67</sup>

Dirigindo-se a Deus, a alma passa para o seu *sexto grau* de atividade, o de buscar o controle e a saúde do olhar para o bem. Pois,

[...] o desejo de entender o que é verdadeiro e sumo, é o mais sublime olhar da alma; não há outro mais perfeito, melhor e mais virtuoso. Portanto, este será o sexto grau, pois uma coisa é purificar o próprio olhar da alma para que não olhe inútil e temerariamente e enxergue o mal, outra coisa é preservar e fortalecer sua saúde, e outra coisa ainda é dirigir o olhar sereno e firme ao que pode ser visto.<sup>68</sup>

Por último, chega-se ao *sétimo grau* que é a visão e contemplação da verdade alcançada pelos níveis anteriores. Neste ponto, a alma se torna uma verdadeira adoradora de seu Criador, Deus.

Assim, podemos notar que o objetivo da alma em santo Agostinho é despertar o homem na busca de si mesmo, sua interioridade, para se elevar até a Deus, posteriormente ajudando ao próximo, sem acepção de pessoas, a encontrar-se também em Deus, compartilhando cada vez mais das idéias e da verdade divina.

---

<sup>66</sup> Idem, p. 342.

<sup>67</sup> Idem, p. 343.

<sup>68</sup> Idem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, podemos concluir que o homem, em santo Agostinho, é um ser composto de alma e corpo (dualismo). E que a alma não é um corpo, e sim uma “[...] substância dotada de razão, destinada a governar o corpo”.<sup>69</sup>

Outras inferências importantes são apontadas pelo diálogo entre Agostinho e Evódio, sobre a alma:

- 1) A substância da alma é ainda inacessível ao conhecimento humano;
- 2) Sua natureza revela ser uma criação de Deus e não sendo Deus;
- 3) Sendo a alma algo de substância própria com origem em Deus, é melhor do que o corpo, pois a alma não pode ser dividida e o corpo sim;
- 4) A alma não “cresce” com o tempo, porque ela não é mensurada quantitativamente e sim qualitativamente, ou seja, a alma, melhora, desenvolve;
- 5) A grandeza da alma está diretamente relacionada com o seu poder ou capacidade de atuação, o quanto ela está desenvolvida, o quanto tem esse poder de controlar o seu corpo e a si mesma.

Agostinho conduz a complexa questão da alma de uma maneira um tanto confusa e/ou obscura em certos pontos de sua análise. Ora devido à mudança de pensamento, o que faz parte da vida de toda pessoa que possui uma existência de reflexões; outras vezes por certas contradições. No entanto, sua abordagem é fascinante e pode ser considerada portadora de uma argumentação analógica muito convincente. A analogia está presente em quase toda a psicologia e teologia agostiniana.

Sua filosofia, remonta sua vida prática de maneira que as influências filosóficas que recebeu ao longo de sua vida foram de vital importância para a formulação de seus escritos filosóficos. Sobre a alma então, Agostinho deixou seu rastro na História da filosofia cristã como sendo uma criação divina que independe da matéria e do seu próprio corpo. O começo e o fim de toda a alma residem em Deus. E ela somente descansará quando evoluir a contemplação/adoração daquele que é considerado por Agostinho a fonte de toda criação, amor, sabedoria e verdade, o próprio Deus.

---

<sup>69</sup> Idem, p.284.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *Contra os acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre*. São Paulo: Paulus, 2008.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões, O Mestre*. Coleção os pensadores. Disponível em: <www.4shared.com>. Acesso em: 25.07.2011.

\_\_\_\_\_. *Confissões*. Disponível em: <www.4shared.com>. Acesso em: 25.07.2011.

\_\_\_\_\_. *O Livre-Arbítrio*. Disponível em: <www.4shared.com>. Acesso em: 25.07.2011.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. Trad. Raimundo Vier. 12. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2006.

COSTA, Eliete Huguene de Figueiredo; PEREIRA, Maria Auxiliadora Silva; KUNZE, Nádia Cuiabano. *Trabalhos acadêmicos: passo a passo*. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2009.

GEISLER, Normam L.; FEINBERG, Paul D. *Introdução a filosofia: uma perspectiva cristã*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2007.

GILSON, Etienne. *Introdução ao estudo de santo Agostinho*. Trad. Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. *A filosofia na idade média*. Disponível em: <www.4shared.com>. Acesso em: 25.07.2011.

MAGEE, Bryan. *História da filosofia*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MARX, Karl. *Introdução a crítica da filosofia do direito de Hegel*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000054.pdf> Acesso em: 05.06.2011.